

MIRA Galerias | MIRA FORUM

Direção Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

Comunicação Manuela Matos Monteiro e Rita Ferreira Costa

Estagiária Rita Ferreira Costa

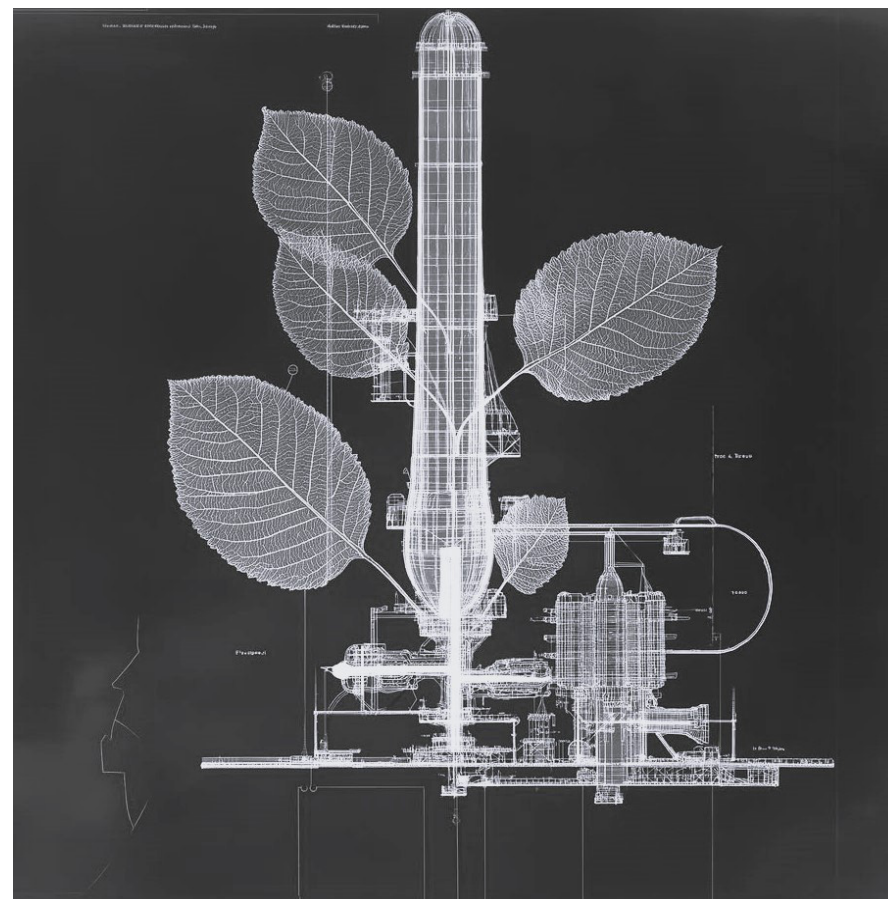
Rua de Miraflor nº 155 | 4300-334 Campanhã, Porto

Quarta-feira a sábado, das 15h às 19h

929 113 432 | 929 145 191 | miragalerias@miragalerias.net

facebook.com/miraforum | [@miraforum](https://twitter.com/miraforum)

PROJETO FINANCIADO PELA DGARTES



um olho verde, outro azul: herbário do antropoceno

paula roush

08 MAR - 03 MAI 2025

Esta exposição integra o projeto
(In)visibilidades e Derivas

nota biográfica

msdm (mobile strategies of display & mediation) é a plataforma de pesquisa e experimentação da artista paula roush, baseada em Londres. Desenvolve metodologias especulativas e participativas que exploram a interseção entre fotografia, arquivo e práticas editoriais. O seu trabalho recente investiga processos de imagem a partir de materialidades ecológicas e tecnológicas, frequentemente em colaboração com outros artistas, investigadores e ecossistemas mais-que-humanos.

Em um olho verde e o outro azul, colabora com Francisco Varela (curadoria de conteúdos), alex (agente algorítmico), Sofia Sequeira Pinto (deriva e pesquisa sobre ruínas), o Arquivo Histórico do Porto, os Albergues do Porto, Manuela Matos Monteiro, João Lafuente, bem como residentes e criativos de Miraflor e do Freixo, para construir um ensaio visual e especulativo sobre a memória industrial e a regeneração ecológica da zona de Campanhã.

<https://www.msdm.org.uk/>

um olho verde, outro azul: herbário do antropoceno

um olho verde, outro azul emerge do cenário mutável de Campanhã, onde antigas infraestruturas industriais abandonadas estão a ser apagadas e reaproveitadas para empreendimentos imobiliários de luxo. Através de uma abordagem experimental à imagem, o projeto questiona quem e o que pode habitar estes espaços de transição?

Recolhi plantas das ruínas de antigas fábricas têxteis e dos terrenos em redor da antiga central elétrica para criar um herbário do antropoceno, utilizando processos fotográficos solares, como cianotipias e fitogramas. (...) Em colaboração com agentes algorítmicos, gerei bio-imagens que funcionam como uma extensão especulativa desta pesquisa. As informações recolhidas foram codificadas em prompts para gerar novas imagens, ampliando a leitura do território através de processos de inteligência artificial. Estas imagens serviram também como base para o desenvolvimento de novos têxteis, produzidos em fábricas de impressão digital, criando uma nova camada de materialidade e circulação para os vestígios de Campanhã.

(...) Talvez este projeto seja, também, sobre a escuta do visível, sobre a possibilidade de perceber o que já não soa, mas ainda vibra. Sobre um arquivo que não se fecha no silêncio, mas que continua a gerar novas frequências—como as ruínas, que nunca são vazias, mas habitadas por histórias, ecossistemas e resistências que se recusam a desaparecer.